

# Sedução generalizada e primazia do sexual

Paulo de Carvalho Ribeiro

A teoria da sedução generalizada de Laplanche, assim como a teoria lacaniana do significante, contém uma concepção do inconsciente. Este artigo as compara a partir do lugar que cada uma atribui ao sexual.

Com o “abandono” da teoria da sedução, anunciado a Fliess na famosa carta do equívoco em 1897, a importância atribuída ao outro na constituição do inconsciente é definitivamente comprometida na teoria tanto quanto na prática. À alteridade recusada, vem progressivamente se substituir uma tendência biologizante em que o inconsciente surge da pulsão, sendo esta última concebida como de origem somática. Restituir à teoria e à prática psicanalíticas a preeminência do outro é uma tarefa que se confunde com a história da psicanálise francesa, com Lacan em primeiro lugar, mas também com Laplanche e sua concepção ampliada da sedução. O presente texto

visa situar a “teoria da sedução generalizada” a partir de alguns de seus fundamentos, para em seguida contrapor-lá a alguns aspectos bem específicos da teoria do significante de Lacan. A primazia do sexual é o critério a partir do qual buscaremos interrogar as diferentes concepções do inconsciente advindas das duas teorias acima mencionadas.

Algumas passagens dos diálogos estabelecidos entre o *Pequeno Hans* e seu pai serão utilizadas com o objetivo de ilustrar uma insuperável intricação do outro

Paulo de Carvalho Ribeiro é psicanalista, doutor em psicanálise pela Universidade de Paris 7, e professor da Universidade Federal de Minas Gerais.

com o sexual, bem como o efeito de sedução invariavelmente ligado à problemática edípica.

### **A teoria da sedução generalizada e alguns de seus fundamentos**

Para introduzir a sedução generalizada, o ponto de partida é obrigatoriamente a teoria da sedução de Freud, teoria da sedução restrita, como a denomina Laplanche.

Nada mais natural do que o abandono de uma teoria sobre a etiologia da histeria que supunha um número inadmissível de pais perversos. Tratava-se entre outras coisas de um obstáculo estatístico: partindo do pressuposto de que apenas uma pequena porcentagem de crianças seduzidas se tornavam histéricas, mas toda histérica havia sido seduzida por um adulto de seu próprio meio familiar, seria necessário admitir um número muito maior de adultos perversos do que de histéricas. Proposição insustentável, cuja formulação só poderia ter surgido de um erro básico, a saber: tomar por realidade o que não passava de fantasia. Fantasia de sedução, dirá Freud. Fantasia de sedução, dirão posteriormente todos os psicanalistas, reconfortados tanto quanto entusiasmados com as perspectivas supostamente abertas pelo abandono de uma teoria escandalosa demais, até mesmo para a psicanálise.

Segundo uma visão clássica da evolução do pensamento freudiano, a descoberta do Complexo de Édipo, a concepção de um inconsciente não patológico e mesmo a importância concedida à sexualidade infantil, não teriam acontecido se Freud tivesse continuado a acreditar em sua "neurótica". E no entanto o que ela dizia era realidade. Não a realidade policial que o sensacionalismo de Jeffrey Masson pretendeu promover ao valorizar, por exemplo, a visita de Freud ao ne-

croterio de Paris; nem tampouco a realidade meramente subjetiva, realidade psicológica, certamente situada a uma curta distância da fantasia. A realidade da sedução é a realidade da mensagem, terceiro domínio da realidade, nitidamente distinto tanto da realidade material quanto da realidade psicológica.

Deste domínio da realidade, Laplanche assinala algumas características fundamentais: é uma realidade que advem da irreduzibilidade do ato de comunicação à intencionalidade dos interlocutores. Dito de outra forma, trata-se da impossibili-

de vista da realidade material, um lapso não é nem mais nem menos real do que uma palavra corretamente pronunciada, mas tanto um quanto outro não se reduzem a sua materialidade sonora. E se do ponto de vista de uma realidade psicológica, a palavra bem pronunciada se deixa mais facilmente aprisionar nos contornos de um significado, de uma imagem ou de um referente, o lapso dificilmente se acomodará inteiro num efeito imaginário qualquer ou numa significação imediatamente disponível. O que do lapso excede a materialidade sonora as-

**A** realidade da sedução é a realidade da mensagem, distinta da realidade material e da realidade psicológica.

dade de traduzir completamente uma mensagem em imagens ou qualquer outra forma de expressão sem que se produza algum resto não traduzido ou não traduzível. A realidade da mensagem pressupõe assim a existência de um excesso de conteúdo capaz de torná-la parcialmente ou totalmente opaca para aquele que a produz como para aquele que a recebe. Opacidade, no entanto, altamente operante e intrusiva já que invariavelmente ligada a um conteúdo sexual inconsciente.

Enquanto realidade de mensagem, a realidade da sedução não se distingue em nada da realidade de um lapso, por exemplo. Do ponto

sim como o efeito psíquico imediatamente detectável é o que lhe garante uma realidade de mensagem, lhe assegura um efeito de enigma e o situa na mesma categoria da sedução. Sedução generalizada então, tão generalizada quanto a existência de lapsos, tão disseminada quanto os efeitos e formações do inconsciente.

Dizer que a teoria da sedução foi abandonada seria dar à palavra de Freud, na famosa carta de 1897, um crédito bem acima do que lhe foi concedido por ele próprio. Basta que nos lembremos, por exemplo, do *Homem dos lobos* e do peso de realidade dado à cena originária e à

sedução pela irmã, para que avaliemos a pregnância da teoria cujo abandono havia sido anunciado mais de vinte anos antes. Faríamos mais justiça ao pensamento de Freud dizendo que a teoria da sedução foi recalçada, tendo cada um de seus elementos constitutivos sofrido vicissitudes particulares. Destes elementos, Laplanche privilegia três: a temporalidade em *après-coup*<sup>1</sup> que acompanha a concepção do trauma em dois tempos, a teoria tradutiva do recalçamento e a concepção tópica do aparelho psíquico. Tomemos cada um destes elementos separadamente.

a) *Après-coup* — A respeito do *après-coup*, lembremos apenas que ele vem colocar em evidência a necessidade de pelo menos duas cenas separadas no tempo para que alguma coisa possa se inscrever no inconsciente, logo para que o trauma possa se produzir. Num primeiro momento, um ataque externo vem implantar um conteúdo “sexual-pré-sexual”, espécie de corpo estranho irritante, que somente após o concurso de uma segunda cena com a qual a primeira entra em ressonância, passará a ter uma efetividade traumática. Efetividade desencadeada não pela segunda cena e nem mesmo pela primeira propriamente dita, mas por sua recordação tornada explicitamente sexual e portanto traumática.

Na esteira deste verdadeiro processo de recalçamento pelo qual passou a teoria da sedução, a noção de *après-coup*, embora tenha permanecido uma referência importan-

te no que se refere ao tempo em psicanálise, perdeu a posição central que ocupava até 1897 e só readquiriu parte dessa importância a partir de sua exumação, por assim dizer, promovida por Lacan.

Sobre as transformações recalçantes sofridas pela noção de *après-*

**A**o inconsciente, foi subtraído o lastro de realidade advindo da mensagem do outro.

*coup*, o texto sobre o *Homem dos lobos* é exemplar. Ali, no intuito de responder à objeção de Jung — que via no *après-coup* um simples efeito de retroatividade capaz de “fabricar um passado a partir do presente” — Freud insiste sobre o caráter factual, não imaginário, da primeira cena e postula uma realidade que extrapola os limites da existência individual indo se situar na história da espécie. Uma vez referida às fantasias originárias e através destas à filogênese, a noção revolucionária de *après-coup* acaba por absorver todo o peso especulativo da hipótese filogenética perdendo assim muito de sua força.

b) *Ponto de vista tópico* — No ponto de vista tópico elaborado em torno da teoria da sedução, sobressaía a idéia particularmente fértil de ataque interno por um “objeto”, no entanto, inicialmente externo ao eu. A recordação traumatizante, capaz

de surpreender o eu ao agredi-lo a partir de seu próprio interior, tinha o grande mérito de pôr em evidência toda a importância do eu como instância de fronteiras múltiplas e maleáveis, criadas com a finalidade de circunscrever a excitação, moldadas pelas interferências sedutoras do outro, pelo imperativo de delas se defender bem como de a elas se conformar. Concepção tópica em que o inconsciente só poderia ser proveniente do outro e apreendido como uma espécie de resto de sedução deixado pelo metabolismo egóico. “Quintessência de alteridade”, dirá Laplanche.

A exemplo do destino reservado ao *après-coup*, essa concepção tópica revolucionária também não resistiu ao recalçamento da teoria da sedução. A noção de ataque interno pela recordação auto-traumatizante cedeu lugar à fantasia, subtraindo assim ao inconsciente seu lastro de realidade advinda da mensagem do outro e terminando por encontrar no biológico, nas excitações de origem orgânica, o único índice de realidade onde apoiar os pés da fantasia.

c) *Teoria tradutiva do recalçamento* — A carta 52, enviada a Fliess em 6 de dezembro de 1896, ou seja em pleno período de vigência da teoria da sedução, revela uma concepção tradutiva do recalçamento em plena sintonia com os outros elementos teóricos que organizavam o pensamento de Freud àquela época. A recusa (*Versagung*) de tradução é apontada como mecanis-

mo constitutivo do recalçamento, mecanismo formador de "fueros" e responsável pelo anacronismo de algumas formas de expressão abandonadas à margem do processo tradutivo. O trauma, a mensagem sexual oriunda do outro, é o que escapa sempre à eficácia tradutiva. Ruído sexual, cartilagem ou osso pulsional não triturável pela máquina tradutiva; eis aí a garantia "inexpirável" da ineficácia comunicativa da mensagem e de sua realidade própria. Realidade a ser situada justamente aquém e além da comunicação.

Nenhum sinal da teoria tradutiva do recalçamento persistiu após 1897. Nem em Freud, nem em seus discípulos, com a única exceção de um artigo de Ferenczi de 1933, intitulado "Confusão de línguas entre o adulto e a criança"<sup>2</sup>. Artigo em que alguns elementos de uma teoria tradutiva do recalçamento reaparecem, sem que haja, no entanto, da parte de seu autor, uma percepção da opacidade para o próprio adulto da "liguagem da paixão" que o caracteriza.

O outro, a referência ao outro como inoculador de substratos pulsionais e causador do inconsciente é, sem dúvida, o mínimo denominador comum destes diversos elementos recalçados juntamente com a teoria da sedução. Os avatares desta exclusão do outro no pensamento freudiano são múltiplos, mas todos inscritos sob a égide do biologismo e comandados pelo auto-centramento. Assim, por exemplo, temos as fantasias originárias supostamente inscritas em meus cromos-

somos, me tendo sido transmitidas a partir da pré-história de minha espécie. Elas são filogenéticas, logo biológicas. Mas além de biológicas elas são auto-centradas, são minhas, pertencem ao repertório de minhas vivências, mesmo que estas sejam transindividuais: o patriarca primevo já não é mais um outro, mas apenas minha fantasia originária, meu centro, ainda que de mim mesmo desconhecido.

Reduzida ao biológico e ao eu-mesmo, a pulsão tende a perder sua essência sexual, posto que para ser

cípio do prazer e além de Eros e do narcisismo, como conciliá-lo com o biológico, com os princípios da vida? A sexualidade é também mortal, mas não o é pelo concurso de uma pulsão de morte, paradoxalmente tão ou mais biológica do que a própria pulsão de vida. A sexualidade é mortal e vital por exclusiva e absoluta eficácia da sedução pela mensagem do outro.

Após 1914, resgatar a teoria psicanalítica, e a teoria sexual acima de tudo, da confortável imersão nas águas calmas do amor, da unificação e do narcisismo, era sem dúvida um imperativo que não poderia deixar de evocar um certo princípio de morte. Exigência da própria teoria de reestabelecimento de um equilíbrio momentaneamente perdido, como demonstrou Laplanche<sup>3</sup>. Mas não a qualquer custo, nem de qualquer jeito. Mais importante do que recuperar

essa outra sexualidade, seria recuperar sua fonte, sua essência, a saber: a primazia do outro. Enfim, não era de mais uma instância biológica e auto-centrante como a pulsão de morte que necessitava a teoria psicanalítica, mas de uma instância do outro, instância asseguradora de todas as pulsões e do sexual em todas as pulsões.

### **Instância do outro ou instância da letra?**

Instância do outro ou instância da letra? Pequenos outros ou grande Outro? A discussão seria imensa.

**M**ais importante do que recuperar esta outra sexualidade seria recuperar sua fonte, sua essência: a primazia do outro.

sexual o outro lhe é essencial. De fato, de ser biológica, a sexualidade tenderá a ser no máximo polimorfa e perversa só no estrito domínio das zonas erógenas clássicas. Sexualidade oral, anal e genital. E mesmo que seja tingida de sadismo ou masoquismo, ainda assim se comportará de acordo com os limites da vida. Não necessariamente com os da reprodução, mas de qualquer forma se pautará pelos imperativos da sobrevivência.

A asfixia erótica, as auto- e hetero-mutilações eróticas, o suicídio erótico, o assassinato erótico, a sexualidade disruptiva, o auto-erotismo disjuntivo, o sexo além do prin-

Seu ponto de partida poderia ser o texto de Laplanche e Leclaire "O inconsciente: um estudo psicanalítico"<sup>4</sup>, texto do princípio dos anos 60 no qual já se manifestava de forma inequívoca a concepção realista do inconsciente sobre a qual Laplanche insistirá ao longo de sua obra. Texto também, vale a pena lembrar, duramente criticado por Lacan<sup>5</sup>. Das diferenças entre um e outro autor, o essencial talvez possa ser expresso em termos de primazia da forma ou do conteúdo: enquanto, para Laplanche, a concepção realista do inconsciente conduz à valorização dos pequenos outros e sua capacidade de implantar na criança mensagens enigmáticas que lhes são próprias, conferindo assim ao inconsciente características individuais fundadas na história vivida de cada um, para Lacan, a preeminência recai sobre a forma, sobre a estrutura universal da linguagem, o que confere ao inconsciente um caráter transindividual bem como o distanciamento de todos os elementos de conteúdo ou significação.

Mas contrapor a idéia de um inconsciente com conteúdos individuais à idéia de uma estrutura universal sem elementos outros que os puramente formais, certamente nos levaria a simplesmente repetir alguns dos pontos fundamentais das duas teorias: teoria da sedução generalizada de um lado, teoria do significante de outro, sem que conseguíssemos avançar no sentido de uma colocação à prova das duas concepções do inconsciente. Minha opção será então eleger a primazia do sexual como critério de aferimento das duas teorias. Critério arbitrário evidentemente, certamente tendencioso, mas pelo menos consonante com um dos *schibboleths* da psicanálise escolhidos por Freud.

Talvez fosse suficiente dizer que a única primazia compatível com o pensamento de Lacan é a primazia do significante, o que de imediato submete o sexual ao regime linguístico e o relega de sua

posição de determinante das operações simbolizantes à situação de determinado pelo simbólico. Para esclarecer o que queremos dizer ao apontar para esta mudança de registro do sexual na teoria psicanalítica, tomaremos como ponto de partida alguma

interessa aqui é saber onde deve ser colocada a ênfase: na *diferença anatômica* (*Anatomischen-Unterschieds*) ou no *entre os sexos* (*Geschlechts-Unterschieds*)? Para Freud, ao que tudo indica, o que deve ser acentuado é o sexo, na medida em que é o pênis, enquanto órgão pri-

O valor atribuído à primazia do sexual pode fornecer um critério para aferir as teorias de Lacan e de Laplanche.

coisa que embora não seja propriamente sexual, desempenha um papel primordial em seu surgimento e organização, a saber: a diferença anatômica dos sexos e a diferença dos gêneros. Faremos inicialmente a oposição entre os pontos de vista de Freud e Lacan para em seguida situarmos a posição de Laplanche.

Do ponto de vista freudiano, tais diferenças, por serem enigmáticas, são consideradas como determinantes de todo o processo de organização do psiquismo infantil, servindo de fator instigador às teorias sexuais infantis e exercendo uma função decisiva nos processos identificatórios e de escolha do sexo. O título do artigo de 1925, "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos"<sup>6</sup>, já traz por si só uma evidência irrefutável do papel determinante da diferença em questão na organização do psiquismo. Mas isso é apenas o óbvio. O que de fato nos

vilegiado do ponto de vista do prazer sexual e do narcisismo, o que de fato conta. Em *A organização genital infantil*<sup>7</sup>, por exemplo, a importância da diferença é tratada em termos tais que: "...parte do corpo, facilmente excitável, inclinada à mudanças e tão rica em sensações...". Em outras palavras, não basta que haja diferença, é preciso que esta diferença incida sobre alguma coisa que já se encontre, tanto anatomicamente quanto fisiologicamente, implicada no que posteriormente se tornará foco de irradiação do sexual.

Em Lacan, esta mesma diferença dos sexos se presta principalmente a fornecer um ponto de ancoragem no corpo para o funcionamento significativo. A presença ou ausência do pênis é valorizada enquanto pura diferença, capaz de suportar ao nível do corpo a função significativa<sup>8</sup>. A ênfase recai sobre a *diferença anatômica* em detrimento de *dos sexos*. É o que

denota a interpretação dada na doutrina lacanianiana à afirmação feita por Freud em *A organização genital infantil*: “O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*”<sup>9</sup>. Basta que se levem em conta a frase que precede e a que sucede esta afirmação para que se torne evidente que a primazia do *falo* a qual se refere Freud significa simplesmente a primazia do órgão genital masculino tanto para o menino quanto para a menina. Não é o significativo que está em questão e nem é a pura diferença que é visada por Freud: ao contrário, o que transpõe de sua afirmação é a diferença já marcada por uma dissimetria no que tange o acesso ao prazer sexual.

Sem dúvida, através do significativo *falo*, pode-se dar conta também das questões de identificação, de escolha do sexo e das teorias sexuais infantis. Mas de uma outra forma e obedecendo a uma outra dinâmica em que o sexual se deixa eclipsar pelo estrutural, tornando-se assim um sexual desencarnado, dominado por uma forma universal e destituído de conteúdos individuais. “O *falo* não é o pênis”; talvez este seja um dos principais índices da diferença a qual queremos nos referir. Para Freud, em que pese tantas afirmações peremptórias em contrário, o *falo* sempre remeteu ao pênis, sempre simbolizou o pênis, a ponto de tornar-se impossível estabelecer uma distinção entre uma coisa e outra. Substituir, na teoria, o pênis pelo significativo *falo*, significa, em última instância, mudar o estatuto do sexual submetendo-o

muito mais ao formalismo que acompanha a primazia do significativo do que às significações e simbolizações advindas do universo linguístico e cultural no qual está imerso a criança.

Que a diferença anatômica dos sexos só se torne sexual — no sentido psicanalítico do termo — a partir do tratamento cultural, linguístico e até mesmo comportamental que lhe é dispensado, pare-

Substituir, na teoria, o pênis pelo significativo *falo* significa em última instância mudar o estatuto do sexual, submetendo-o mais ao formalismo do que ao universo cultural da criança.

ce não comportar nenhuma dúvida. Dentro de uma concepção laplanchiana, poderíamos com certeza dizer que a diferença dos sexos, tanto a anatômica quanto a fisiológica (menstruação, amamentação, gravidez, etc.) é um dos suportes privilegiados da criação de mensagens enigmáticas por parte dos adultos, logo um dos motores da sedução originária. O que se diz e o que se cala sobre os órgãos genitais, sobre a origem dos bebês e acima de tudo sobre as sensações experimentadas nos diversos orifícios e protuberâncias do corpo, participa da implantação de enigmas sexuais/pré-sexuais e impõe à criança um trabalho permanente de simbolização e tradução. Mas dizer que o corpo é sexualizado a partir das mensagens provenientes do outro é completa-

mente diferente de afirmar que o Outro estrutural da linguagem incide sobre o corpo através de uma diferença anatômica capaz de suportar a função significante.

A título de ilustração desta diferença de tratamento do sexual em Freud e Lacan, poderíamos evocar o conceito de castração. Uma vez a diferença anatômica dos sexos tendo sido emcampada pelo estruturalismo linguístico, o principal resultado desta operação será a redução da castração ao efeito de anulação, de aniquilamento e negatividade inerentes ao significativo. Que o *falo* remeta essencialmente à falta e que a castração simbólica se encontre no centro da formulação lacanianiana do complexo de Édipo, é apenas a evidência inegável e óbvia

da incidência do formalismo linguístico-estrutural sobre sua concepção da sexualidade infantil. Para Freud, no entanto, a castração sempre foi concebida como indissoluvelmente ligada ao órgão genital masculino na sua mais absoluta concretude, o que é confirmado de forma explícita e inequívoca pela famosa nota acrescentada em 1923 ao texto sobre Hans<sup>10</sup>, bem como pela insistência de Freud sobre a ameaça real de castração em *Inibição, sintoma e angústia*.

Ter ou não ter o pênis, poder perdê-lo ou recebê-lo, desejar tê-lo ou até mesmo desejar perdê-lo são vicissitudes pelas quais transitam as fantasias e as teorias sexuais infantis. Mas, acima de tudo, são vicissitudes que se entrelaçam com interdições e expectativas através das

quais cada criança recebe o maior quinhão do amor e do ódio dos que se colocam na função de pais. Sexo e censura, desejo e angústia, são pares indissolúveis e exigem por isso mesmo a instauração de meca-

compatibilidade perante as exigências do eu ou das instâncias ideais, capazes de fazer com que um determinado conteúdo representacional seja excluído da consciência ao mesmo tempo em que é

rantia de qualidade teórica ou de excelência do pensamento. Apontar para este aspecto do pensamento de Lacan significa, acima de tudo, colocar em evidência uma incompatibilidade intransponível entre a teoria lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem e a primazia do sexual, uma vez que esta última seja considerada como inseparável de uma teoria defensiva do recalçamento. Apenas isso, mas também nada menos que isso.

**E**m psicanálise, a primazia do sexual acarreta sempre uma primazia da defesa, sem a qual não poderiam se sustentar os conceitos de recalçamento e de inconsciente.

### O pequeno Hans e a sedução paterna

A defesa contra o ataque pulsional e o conflito psíquico assim criado são elementos essenciais da teoria da sedução generalizada. Laplanche critica a concepção do conflito psíquico fundada na oposição entre auto-conservação (ou realidade externa) e sexualidade, preferindo falar de dois pólos antagônicos no interior da própria sexualidade, a saber: as “forças sexuais de ligação e de desligamento” (*forces sexuelles de liaison et déliaison*). Entretanto, seria um engano estabelecer entre estas forças uma oposição simples, ou confiná-las em instâncias psíquicas distintas. Os processos psíquicos que caracterizam as operações egóicas, por exemplo, comportam variados graus de ligação e desligamento; o mesmo podendo acontecer com as forças em operação no inconsciente. Deste ponto de vista, podemos também considerar que a maior parte das mensagens veiculadas pelo adulto são portadoras de um duplo potencial: se por um lado promovem a integração narcísica daquilo que se apresenta inicialmente como fragmentado ou enigmático, por outro lado geram outros enigmas e favorecem o surgimento de elementos desconexos, consequentemente subordinados às leis que regem o processo primário.

nismos reguladores da circulação destas tantas representações e afetos beligerantes. É o que torna a defesa psíquica, ao mesmo tempo, uma exigência interna à sexualidade e o principal veículo de sua transmissibilidade a partir do outro. É o que tentaremos mostrar mais à frente através de alguns comentários sobre o pequeno Hans.

O poder de anulação do significativo sobre a coisa, seu potencial negativante e sua característica de pura diferença vêm, em última instância, substituir, no pensamento de Lacan, a função reservada por Freud ao conceito de defesa e à noção de conflito psíquico que lhe é consubstancial. O recalçamento foi inicialmente concebido por Freud, e manteve-se ao longo de toda sua obra, como uma forma de defesa voltada principalmente para a proteção do eu contra o ataque pulsional. Se o recalçado se apresenta como parte faltante, como descontinuidade ou ausência, este seu caráter negativo se deve exclusivamente à sua in-

desligado do afeto que o acompanha. Se existe em Freud algo que se aproxima da noção de sujeito barrado, tal aproximação só se justifica na medida em que o “barrado” possa ser compreendido como totalmente dependente do efeito da censura e dos mecanismos de defesa que incidem invariavelmente sobre conteúdos sexuais incompatíveis. A primazia do sexual em psicanálise acarreta sempre uma primazia da defesa, sem a qual o conceito de recalçamento — inclusive o recalçamento originário<sup>11</sup> — e de inconsciente não poderiam se sustentar.

Afirmar, então, que falta à teoria lacaniana do inconsciente estruturado como uma linguagem a noção de defesa, na medida em que a mesma foi substituída pelo efeito negativante inerente ao significante, não significa apenas apontar para uma diferença com relação a Freud. Não visa, tampouco, desqualificar a teoria ou sugerir qualquer tipo de anátema. A fidelidade absoluta a Freud nunca foi nem será uma ga-

Para fazer face a estes elementos desconexos, atacantes e que são na verdade os objetos-fonte da pulsão, a criança tentará dominá-los, segundo Laplanche, através de me-

palavra sobre a vinda dos bebês e que neste domínio Deus sempre seguia sua vontade. Neste momento, o seguinte diálogo se estabelece entre pai e filho:

Deus não vai querer também, quando eu for casado."<sup>12</sup>

Não é preciso mais do que ter em mente todo o comprometimento de Hans com uma identificação feminina e o desejo de ter seus próprios bebês para que o pronome neutro *es* empregado pelo pai em sua pergunta *Aber du wünschest es?* se revele o pivô de um mal-entendido pelo qual transitará o desejo de Hans assim como a função recalcante exercida pelo pai.

*Mas você deseja isso?* pergunta o pai referindo-se a desejar *que mamãe tenha um bebê*. Pergunta cuja intenção não é outra senão solicitar a Hans que ocupe a posição daquele que deveria, em boa doutrina, desejar ser o pai do referido bebê. *Desejo sim*, responde Hans, para quem o pronome neutro *es* da pergunta paterna se referia à criança (*das Kind*) e não a *que mamãe tenha um bebê*.

Todo o imbróglio se esclarece aos olhos do pai quando Hans lhe explica o sentido de sua pergunta *Como é a história?*: a ele só poderia interessar ser o papai se um papai pudesse ser uma mamãe. O resultado é a indignação do pai que não hesita em exhibir as tábuas da lei, exigindo de seu filho que a elas se curve: *você gostaria de ser o papai, casar com a mamãe, ser tão grande quanto eu*, etc. Hans resiste aquiescendo: "quando eu estiver casado com mamãe eu serei como ela, só terei um filho quando eu quiser e Deus só irá querer quando eu também quiser."

Hans fez das palavras de seu pai o melhor que pôde. Nelas reconheceu o peso da lei e por amor ao pai recalçou seu desejo de identificação à mãe, contra-investindo-o pelo intermédio de um "grande papai" do qual temos notícia alguns dias após o diálogo acima transcrito. Desta vez Hans brincava com seus filhos imaginários quando foi interpelado por seu pai:

Pai: "Alô, seus filhos ainda estão vivos? Você sabe muito bem que um menino não pode ter filhos."

**O** Édipo e a castração participam na própria instauração do sexual, e não apenas nas tentativas para o organizar.

canismos de ordenação cujo resultado será a criação de verdadeiros "complexos". Édipo e castração são assim assimilados, na teoria da sedução generalizada, a este trabalho de ordenação no qual o enigma da sexualidade engaja a criança.

A análise que faremos de algumas partes do diálogo entre Hans e seu pai tem por finalidade colocar em evidência a participação direta e ativa do adulto na criação do Édipo e da castração, bem como o caráter de mensagem enigmática que esta participação pode adquirir. Com isto, pretendemos retomar nossa reflexão sobre a sedução generalizada e a primazia do sexual, mas também marcar uma diferença com relação ao ponto de vista de Laplanche e insistir sobre a participação do Édipo e da castração na própria instauração do sexual e não apenas nas tentativas de organizá-lo secundariamente.

Em meio a uma conversa sobre o papel de Deus na concepção dos bebês, Hans dizia a seu pai que, ao contrário do que este último lhe dissera, sua mãe lhe havia garantido que era ela quem tinha a última

Pai: "A mim parece que, de todo jeito, você deseja que mamãe tenha um bebê."

Hans: "Mas eu não quero que isso aconteça."

Pai: "Mas você deseja isso?" (*Aber du wünschest es?*)

Hans: "Oh, sim, *desejo*."

Pai: "Você sabe por que você deseja isso? Porque você gostaria de ser papai?"

Hans: "Sim... Como é que funciona?" (Como é a história?) (*Ja... Wie ist die Geschichte?*)

Pai: "Como funciona o quê?" (Qual história?) (*Welche Geschichte?*)

Hans: "Você diz que os papais não têm bebês; então, como é que funciona a minha vontade de ser papai?"

Pai: "Você gostaria de ser papai e casado com a mamãe; você gostaria de ser do meu tamanho (ser tão grande quanto eu - *du möchtest so gross sein wie ich*) e de ter um bigode; e você gostaria que a mamãe tivesse um bebê."

Hans: "Papai, quando eu for casado, só vou ter um bebê se eu quiser, quando eu for casado com a mamãe, e se eu não quiser um bebê,

Hans: "Eu sei, antes eu era a mamãe deles, *agora eu sou o papai deles.*"

Pai: "E quem é a mamãe das crianças?"

Hans: "Ora, a mamãe, e você é o *vovô* delas." ( *und du bist der Großvatti* )

Pai: "Então você gostaria de ser do meu tamanho (tão grande quanto eu - *so gross sein wie ich*), e de ser casado com a mamãe, e então você gostaria que ela tivesse filhos"

Hans: "Sim, é disso que eu gostaria, e então a minha *vovó* de Lainz será a *vovó* deles."

No diálogo anterior, pudemos reparar que um dos comandos do pai era justamente "você gostaria de ser tão grande como eu" ou seja, em alemão *Du möchtest so gross sein wie ich*. Ora, no diálogo que acabamos de ver, Hans nos mostra ter perfeitamente assimilado a essência dos imperativos paternos. É o que transparece de sua afirmação *und du bist der Großvatti*. *Großvatti* e não *Opa* que é a forma como as crianças de língua alemã normalmente se referem ao avô. *Großvatti*, literalmente grande-papai, significa aqui a anuência de Hans ao imperativo paterno e ao mesmo tempo a expressão da mudança de estatuto do pai em seu psiquismo: o que era apenas papai torna-se algo maior.

Esta nuance não escapou ao pai que não hesitou em colher imediatamente o troféu de sua vitória: *Então você gostaria de ser tão grande quanto eu...* Como se pudesse enfim dizer: "Eis aqui, Professor Freud, meu filho finalmente 'edipizado'!"

Édipo e castração, da forma como se manifestam neste caso de neurose infantil, certamente poderiam ser descritos em termos de metáfora paterna: o Nome-do-pai em substituição ao desejo da mãe - para o que, aliás, o termo *Großvatti* empregado por Hans não deixaria de contribuir. Entretanto, uma tal descrição negligenciaria o empenho do pai em direcionar a escolha

identificatória de seu filho, bem como tudo aquilo que, da identificação de Hans à sua mãe, excede uma simples cativação por uma imagem, ou uma identificação ao significante de seu desejo.

A identificação à mãe, considerada em toda sua extensão, inclui um conjunto de impressões, marcas, sensações e modos incrustados, por assim dizer, no corpo de Hans. Estas "incrustações" são elementos "sexuais-pré-sexuais", que se tornarão francamente sexuais e atacantes a partir de traduções que inevitavelmente farão surgir "restos não traduzidos", "significantes dessignificados", nos dizeres de Laplanche, mas que podem também, do nosso ponto de vista, apresentar-se como elementos desmembrados de uma identificação desqualificada pelo próprio recalçamento.

Com efeito, nos diálogos que acabamos de analisar, onde devemos situar o sexual, o enigmático, senão na transformação recalcante que a identificação à mãe sofrerá a partir dos imperativos paternos e mais precisamente a partir daquilo que destes imperativos escapa à compreensão do próprio pai? Em algum momento teria ele percebido o teor escandaloso de suas injunções? "Identifique-se a mim enquanto desejante de sua mãe e deseje-a como eu para que eu possa enfim proibí-lo de desejá-la". Mensagem ao mesmo tempo enigmática no que ela prescreve quanto parcialmente reveladora do enigma no que interdita: "queira ser como eu para que você não continue a querer ser como sua mãe", ou seja, "essa mulher *lhe* é proibida, essa que você quer *ser*". Destas mensagens, daquilo que elas geram de restos intraduzíveis, Hans terá que se defender por toda a vida. De ter querido ser como sua mãe e ao mesmo tempo seduzido a ser como o pai para desejá-la como objeto de amor, ele terá indefinidamente de se reconciliar com seu "grande-papai". Terá de fazer com Deus uma aliança

radicalmente diferente daquela que *lhe* inspirava a mãe; nova aliança cujo enunciado poderia ser: "todas as vezes que eu quiser, Deus me recusará." ■

## NOTAS

1. Optamos por empregar a tradução francesa de *nachträglich* por considerá-la mais adequada do que as traduções para o português comumente empregadas, tais como "a posteriori", "posteriormente" e "só depois".
2. S. Ferenczi, *Oeuvres Complètes*, vol. IV, Paris, Payot, 1982.
3. J. Laplanche, *Vie et mort en psychanalyse*, Paris, Flammarion, 1970.
4. J. Laplanche, *L'inconscient et le ça, problèmes IV*, Paris, PUF, 1981.
5. J. Lacan, "Position de l'Inconscient", in *Écrits*, Paris, Seuil, 1966.
6. S. Freud, "Algumas conseqüências psíquicas da diferença sexual anatômica", Edição Standard Brasileira, XIX, p. 180.
7. S. Freud, op. cit., p. 180 ss.
8. A este respeito a seguinte passagem do Seminário sobre a identificação é exemplar: "O que é preciso dizer é que, na medida em que é o significante falo que vem como fator revelador do sentido da função significante num certo estágio, é na medida em que o falo vem no mesmo lugar na função simbólica onde estava o seio, e na medida que o sujeito se constitui como fálico, que o pênis, ele que está no interior do parêntese do conjunto dos objetos advindos para o sujeito no estágio fálico, que o pênis, pode-se dizer, não somente não é mais fálico do que o seio mamário, que as coisas muito mais gravemente se colocam, a saber, que o pênis, parte real do corpo, sucumbe ao golpe desta ameaça que é a ameaça de castração. É em razão da função significante do falo como tal que o pênis real sucumbe ao golpe disso que inicialmente foi apreendido na experiência analítica como ameaça, a saber, a ameaça de castração" (Seminário inédito, aula X, de 21 de fevereiro de 1962, tradução pessoal.).
9. S. Freud, op. cit. p. 180.
10. "... a expressão 'complexo de castração' deve restringir-se àquelas excitações e conseqüências decorrentes da perda do pênis." (S. Freud, *Análise da Fobia de um Menino de Cinco Anos*, Edição Standard Brasileira, X, p. 18; GW, VII, p. 246) Afirmações de mesmo teor encontram-se presentes em "A organização genital infantil" e em "A dissolução do complexo de Édipo".
11. O contra-investimento, processo econômico postulado por Freud como suporte de vários mecanismo de defesa do eu, é o mecanismo psíquico responsável pelo recalçamento originário. Cf. S. Freud: "O Inconsciente", Edição Standard Brasileira, XIV; GW X, p. 280.
12. S. Freud, *Análise da Fobia...*, GW VII, p. 327-328.